

Cascos na calçada: o que os cavalos errantes nos dizem?

Hooves on the pavement: what do the wandering horses tell us?

Eric Silveira Batista Barreto [1]
ericsbbarreto@gmail.com
https://orcid.org/0000-0002-6334-4391
http://lattes.cnpq.br/5900778041707870

1 - Doutor em Antropologia pela Universidade Federal de Pelotas.

Resumo: As imagens aqui apresentadas integram uma tese de doutorado em Antropologia que abordou a discussão sobre a proibição dos veículos de tração animal na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Durante o trabalho de campo, se destacou o significativo número de cavalos soltos em algumas áreas da cidade, fenômeno registrado em fotos como parte de um esforço reflexivo sobre o que representa.

Palavras-chave: antrozoologia; ecologia política; trabalho; tração animal.

Abstract: *The images presented here are part of a doctoral thesis in Anthropology that addressed the discussion about the ban on animal traction vehicles in the city of Pelotas, Rio Grande do Sul, Brazil. During fieldwork, the significant number of stray horses in some areas of the city was highlighted, a phenomenon registered in photos as part of a reflexive effort about what it represents.*

Keywords: *anthrozoology; political ecology; labor; animal traction.*

Toda paisagem humana é também animal. Não apenas porque humano é animal, fato tão óbvio quanto submerso em nossos enunciados cotidianos, mas fundamentalmente porque a existência humana está entrelaçada a de muitos outros seres vivos; de todos os reinos, é claro, mas com um componente significativo do Animalia.

Muitas questões seguem em aberto sobre os inícios da domesticação de animais. Não é possível afirmar, com certeza, qual foi a primeira espécie domesticada, nem onde e nem por quem. Mas antes que nos aproximássemos de qualquer coisa que possa ser nomeada domesticação, já vivíamos em comensalidade com outros animais e, se quisermos recuar a tempos ainda mais remotos, o protagonismo animal em nossas paisagens não se embota, pelo contrário.Se hoje relacionamos as paisagens interespecíficas às espécies domésticas é devido à sua importância e proximidade, mas o advento da domesticação dificilmente pode ser considerado, em termos absolutos, uma transição para uma vida humana com mais protagonismo não humano. Inicio assim este texto para pontuar o quanto a domesticação é um processo, ao contrário de um evento, e o quanto inclui negociações entre agentes humanos e não humanos.

Este conjunto de imagens integra minha tese de doutorado defendida junto ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia da Universidade de Pelotas, em fevereiro de 2022. Intitulada Cascos no asfalto: etnografia das interações urbanas entre cavalos, humanos e outros bichos, teve como proposta inicial a aproximação das discussões sobre a proibição de veículos de tração animal na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, Brasil. Ao longo do trabalho de campo comecei a me interessar mais pela presença de cavalos soltos em diversas áreas da cidade, incluindo a que resido. Tendo parte da etnografia coincidido com o primeiro ano da pandemia de covid-19 e, portanto, sendo prejudicada minha interação com interlocutores, percebi que podia, ainda assim, colher elementos indiretos de sua presença, mediados pelos animais que sobrepassavam em número os de nossa espécie nas ruas quase desertas durante a época mais aguda da pandemia.

Estas imagens são entendidas como instrumentos teórico-metodológicos de investigação sistemática, como diz Guran (1986). A metodologia de Magni e Bruschi (2005), de interagir com interlocutores também através de seus vestígios, foi adaptada para esta pesquisa. Os cavalos urbanos exemplificam como nossa relação com o que chamamos natureza é uma constante negociação, na qual nem sempre somos a parte dominante.

É preciso incluir a contribuição dos Animal Studies ao estudar a noção de modernização (OSÓRIO e SILVEIRA, 2019), percebendo que as expectativas modernas dependem de delimitações das outras espécies nos espaços que consideramos nossos. A permanência desses animais, nesses locais, é sintomática dos conflitos por espaços comuns a tantas cidades. Flávio Silveira (2016) salienta a importância que áreas verdes têm para as sociedades modernas urbano-industriais. Não se discute a relevância de espaços assim para o bem-estar das pessoas. É preciso, contudo, lançar um olhar também para populações que ocupam precariamente os limites da zona urbana, não raro frutos do êxodo rural e conservando saberes relativos à criação e ao cultivo, adaptados ao contexto urbano.

Outra coisa que podemos dizer sobre o trânsito desses equinos urbanos é a sua estreita relação com a vegetação que cresce pelas calçadas. As fotos deixam explícito que não apenas terrenos e parques fornecem pasto, mas também passeios e canteiros ordinários. A possibilidade de crescimento dessas plantas, por sua vez, convida à reflexão sobre a relação humana com o ambiente urbano em um nível mais profundo. Sugiro a quem veja essas fotos que deite sua atenção também aos seres vegetais que protagonizam as cenas.

A presença de cavalos e plantas é o que podemos chamar de paisagem coexistencial interespecífica na urbe (SILVEIRA e SILVA, 2017). É pertinente não esquecer que, ao pastar pelas ruas, a maioria desses animais está em folga e se preparando para seu atrelamento rotineiro às carroças, momento em que podemos evocar o que Latour (2012) chama de "coletivos híbridos". Tudo isso torna conveniente a aproximação do conceito de socioanimalidade, a fim de "repensar a sociedade em sua diversidade interespecífica, multiespecífica, transespecífica." (Vander Velden et al., 2019, p.7).

Referências

GURAN, Milton. Fotografia e pesquisa antropológica. In: Caderno de Textos –Antropologia Visual, Rio de Janeiro: Museu do Índio, 1986, pp 66–69.

LATOUR, Bruno. Reagregando o Social: uma introdução à Teoria do Ator-Rede. Salvador/Bauru: Edufba/Edusc, 2012.

MAGNI, Claudia; BRUSCHI, Mauro. Em busca do nomadismo da imagem. In: SAMAIN, Etienne. O Fotográfico. São Paulo, Hucitec, 2005.

OSÓRIO, Andréa e SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. Editorial Dossiê Animais e Antropologia. Caderno Eletrônico de Ciências Sociais, Vitória, v. 7, n. 2, pp. 01-09. 2019.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. As paisagens coexistenciais interespecíficas, ou sobre humanos e não-humanos compartilhando espaços domésticos numa cidade amazônica. Iluminuras, Porto Alegre, v. 17, n. 42, pp. 288–315, ago/dez, 2016.

_____.; SILVA, Matheus Henrique Pereira da. Dos galhos às grades: cotidiano e relações interespécies no "Bosque". Reflexões sobre as interações face a face entre humanos e macacos-de-cheiro (Saimiri sciureus sciureus) na cidade (Belém-PA). In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 23, n. 48, p. 99–127, maio/ago. 2017.

VELDEN, Felipe Vander et al. Tudo que respira, conspira. Introdução ao dossiê Socioanimalidades plurais: animais e humanos nas Ciências Sociais. In: REVISTA FLORESTAN , v. 7, p. 6–10, 2019.






PARE



















